

Quadrinista Ana Luiza Koehler resgata, em suas obras, as memórias de uma Porto Alegre em processo de modernização; construção do viaduto da Borges é o tema central de seu mais recente livro



reportagem cultural

Ana Luiza Koehler, entre becos e viadutos



Daniel Sanes, especial para JC

É uma típica manhã de quarta-feira no Centro de Porto Alegre. Corre-corre de pedestres, ambulantes tentando ganhar a vida, servidores em passeata por melhores salários. Desço apressado a General Paranhos e me dirijo para um café na antiga Rua do Comércio, onde fiquei de encontrar a entrevistada para esta reportagem.

À primeira vista, o cenário pode parecer estranho para quem lê – e com razão. Porque essa era a paisagem da capital gaúcha um século atrás. Se hoje General Paranhos é o nome de uma ruazinha no bairro Santa Cecília, antigamente batizava uma via entremeada por diversos becos, alargada para dar origem à avenida Borges de Medeiros. Naqueles tempos, a Rua do Comércio recém havia sido renomeada como Uruguai – antes disso,

também fora um beco, primeiro da Ópera, depois dos Ferreiros.

Acomodada junto a uma mesa logo na entrada da cafeteria, está a arquiteta e quadrinista Ana Luiza Koehler. Cumprimento-a, revelando que nunca havia entrado ali. Com um sorriso, ela observa que aquele era um prédio histórico onde, por muitos anos, funcionou uma tradicional loja de tecidos.

Essa Porto Alegre do passado é, ao mesmo tempo, cenário e personagem das obras da artista, que escolheu a linguagem dos quadrinhos para registrar o processo de urbanização da Capital a partir da década de 1920. Seus livros com a temática, *Beco do Rosário* e *Viaduto*, lhe renderam uma série de troféus HQ Mix, a maior premiação dos quadrinhos brasileiros.

Antes da consagração em casa, Ana construiu uma curiosa carreira no mercado editorial europeu.

Produziu muita coisa sob encomenda, especialmente para o circuito franco-belga de quadrinhos, e também ilustrações arqueológicas para exposições na Alemanha. “Trabalhava bastante com a reconstituição de paisagens que já não existem mais, fazia todo um cruzamento de dados de literatura, restos de sítios arqueológicos, mapas. Foi então que pensei: e se eu fizesse isso num quadrinho sobre Porto Alegre?”, lembra.

Em 2013, veio o impulso que faltava para desenvolver um trabalho mais regional. Ana foi convidada a criar as ilustrações da exposição *12.000 Anos de História – Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul*, para o Museu da Ufrgs, destacando a presença humana em território gaúcho e as relações dos migrantes com as populações já existentes.

Em sua dissertação, desenvol-

vida no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs, Ana decidiu mergulhar na história dos antigos becos de Porto Alegre, espaços excluídos do processo de modernização da cidade. Os resultados da pesquisa podem ser vistos no blog *Beco do Rosário*, alimentado com recortes de jornais, mapas e fotografias, entre outros registros coletados pela quadrinista ao longo de uma década.

Além de chamar atenção para as aceleradas transformações na paisagem urbana, o livro *Beco do Rosário* expõe o tratamento recebido por populações historicamente marginalizadas e removidas das áreas centrais. Não à toa, a protagonista é uma jovem negra, Vitória, que sonha em ser jornalista para expor as injustiças sociais. “Essas pessoas foram obrigadas a sair de suas casas ‘em nome do progres-

so””, reflete Ana.

Foram tantas histórias apagadas que *Beco do Rosário* ganhou uma sequência. Em *Viaduto*, já na década de 1930, Vitória e os demais protagonistas se veem diante da tumultuada construção do viaduto Otávio Rocha, o viaduto da Borges – obra faraônica que envolveu altos empréstimos, falhas de execução e até acidentes (um deles, fatal) com dinamite, usado para remover uma pedreira da avenida que nascia.

Só que o trem do progresso não para, e o próximo capítulo dessa história vai se passar durante o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas. Ana acredita que o livro ficará pronto em 2027. “É um processo trabalhoso, pois envolve muita investigação, mas também apaixonante. Depois que a gente mergulha na história, fica difícil parar.”

Leia mais na página central